

Em qualquer circunstância, capacita-te de que Deus é amor para todas as criaturas e que, no esquema da Justiça, basta mantenhmos a disposição de ajudar ao próximo para que nos tornemos suportes da Divina Providência, em favor dos nossos irmãos de experiência e caminho, de vez que sem a coragem de servir e sem esforço de compreender, a nossa compaixão pelos outros, em qualquer caso, não passará de mais um problema sobre os problemas que pretendamos solucionar.

EMMANUEL

AULA DA VIDA

A casa repousava, além de zero
hora,
Quando o juiz no leito ouviu certo
rumor ao fundo.
Quem seria? pensou, ansioso e
expectante ...
Talvez um assaltante ...
Quem, no entanto, ousaria
Penetrar-lhe a mansão,
construída no alto,
Com dois guardas, na ronda, de
vigia?

A princípio, o ruído parecia
Um barulho tão leve, tão de manso,
Que mais se assemelhava ao vento
na folhagem,
Quando o palácio, à noite, era paz e
descanso.

Mas o brando alarido
aumentava de porte,
Justamente na alcova sempre
reservada
Em que ele, o juiz, mantinha um
cofre forte.

Armou-se à pressa e afastou-se
da cama,
Pés descalços, andou no carpete,
em pijamas;
E pela porta além, levemente
entreaberta,
Lobrigou a figura baixa e estranha

De um mascarado que se recobria
Numa capa sombria,
A furtar-lhe, no cofre escancarado,
Todo o dinheiro ali depositado.

Manejando lanterna diminuta,
O invasor ocupado nada escuta.
Mas o juiz entrando em fúria cega
Ergue o revólver, firme. Aponta e
descarrega
Toda a carga de balas no infeliz
Que tomba morto agora em pleno
escuro.

Indeciso e nervoso, o magistrado
A erguer-se em defensor do próprio
domicílio,

Liga a luz, sob a dor do gesto
cometido,

E fita o mascarado
A encharcar-se de sangue ...
Chama os guardas amigos, de
plantão,

Ativa o telefone e pede policiais
Que lhe arranquem do lar o
assaltante caído,

Depois de se lavrarem
Depoimentos, notas, testemunhos
Para os efeitos justos e legais.

Efetuadas todas as medidas,
 Um servente de mãos embrutecidas
 Inspeciona o cadáver e, ao movê-lo,
 Despe-lhe a capa enorme
 E retirando a máscara de pano,
 Vem ao juiz e informa, desumano:
 - É um menino, Excelência ... Um
 ladrão nato
 Devia ter no jeito a esperteza de um
 rato.
 Na angústia enorme do seu próprio
 drama,
 O magistrado exclama:
 - Horríveis tempos! Dias
 infelizes!...
 Época de ladrões e meretrizes! ...
 Já não mais temos lar em segurança
 Que possa resguardar uma simples
 criança ...
 Onde iremos, meu Deus? Meninos
 salteadores,
 Crimes, violência, guerra e uma
 série de horrores! ...

Nisso, quatro serventes se
aproximam,
Carregam com cuidado o corpo
inerte e triste.

Mas o Juiz, ao vê-lo, não resiste;
Detém todo o cortejo em súbita
parada,
Cai sobre o morto em pranto
convulsivo.
Beija-lhe a face inerte e
ensangüentada,
Como se o jovem morto inda
estivesse vivo
E bradou, em supremo
desconforto:
- O que fiz, Grande Deus, para
sofrer em minha própria casa,
Esta dor que me arrasa?
Matei para viver e estou aniquilado
e morto;
Matei, mas nem de longe imaginava
Que abatia sem pena
O filho que adorava ...
Deus, Grande Pai, dá-me de
qualquer forma,
A expiação que me condena ...
Lançava o sangue ao chão amplo e
rubro rastilho
E o pobre prosseguia, em
convulsões de dor:
- Dá-me forças, meu Deus! ...
Perdoa-me, Senhor! ...

O pequeno assaltante era o seu próprio filho.

MARIA DOLORES